

# OS SENTIDOS DA VIAGEM EM LUIZ RUFFATO

Marcela Ferreira Silva (PPGLL/UFG)

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal analisar as figurações do deslocamento em *Estive em Lisboa e lembrei de você* do escritor contemporâneo Luiz Ruffato. Nesse romance, o autor tematiza uma das formas de migração que é muito comum nas histórias dos países pobres – a imigração ilegal em busca de uma vida melhor. Sérgio de Souza Sampaio, personagem do romance, já que sua cidade natal não lhe oferece possibilidade alguma, sai de Cataguases rumo a Lisboa em busca de uma vida melhor. Na terra estrangeira, o narrador personagem vai encontrar outras formas de não pertencimento, resultando numa condição política de clandestinidade e ilegalidade. Desse modo, Ruffato atualiza um importante tema da literatura, deixando entrever as principais problemáticas do mundo contemporâneo.

Palavras-Chave: Deslocamento. Espaço romanesco. Representação.

## ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze the figurations of displacement in *Estive in Lisbon and I remembered you* from the contemporary writer Luiz Ruffato. In this novel, the author discusses one of the forms of migration that is very common in the stories of poor countries – illegal immigration in search of a better life. Sérgio de Souza Sampaio, character in the novel, since his hometown does not offer him any possibilities, leaves Cataguases towards Lisbon in search of a better life. In a foreign land, the narrator character will find other ways of not belonging, resulting in a political condition of clandestinity and illegality. In this way, Ruffato updates an important theme in literature, revealing the main issues of the contemporary world.

Keywords: Displacement. Romanesque space. Representation.

## INTRODUÇÃO

*Onde quer que estejas, em teu país ou em outro, és estrangeiro: ninguém tua língua compreende. Só, o deserto de estranhas veredas percorres. Conservas, no entanto, dos primeiros anos o albor, quando tua cidade, madrasta e mãe, teus sonhos na noite fresca velava. A grande mão que afagou-te esmaga o peito agora. Ah! Somos apenas o que somos.*  
*Apenas.*

Luiz Ruffato

Esta análise tem como objetivo principal verificar e evidenciar de que maneira o romance *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato, dramatiza a problematização do ser brasileiro, dentro e fora do país, transformando essa temática da (i)migração em fatura estética. O romance é estruturado numa espécie de gangorra: de um lado, a euforia pela ilusão de melhora e, de outro lado, a tristeza do não pertencimento, da não realização permanente. Esta sugestão de ciclo já é antecipada no modo como a narrativa foi dividida em dois capítulos intitulados: “Como parei de fumar” e “Como voltei a fumar”. A gangorra parece estabelecer o ritmo da vida de Sérgio de Souza Sampaio, um cataguasense que, buscando uma vida melhor em terras lusitanas, deixa o Brasil para tentar a sorte na capital portuguesa. Quando posto a caminho, a personagem coloca no centro da cena uma das questões mais problemáticas da história atual: as diferentes formas do deslocamento.

## PELO ESPAÇO DO OUTRO

Desde as duas epígrafes, a narrativa insere a tensão do sujeito com os lugares – uma angustiante condição de se estar entre duas terras: o Brasil, a terra natal, e Portugal, a terra de destino. Tal sensação de mal-estar e angústia podem ser lidas desde a primeira epígrafe: o trecho de uma canção do grupo musical português Xutos e Pontapés:

Sem me lembrar  
De ti eu vivo  
Em Lisboa  
A magnífica  
Xutos e Pontapés  
(RUFFATO, 2009, p. 08)

Segundo a leitura de Ramos e Cadore (2010, p. 150), o título do romance é desconstruído por meio da ironia já nessa primeira epígrafe, em que “na visualidade do poema e no desconhecimento da referência parece haver um quinto verso: ‘xutos e pontapés’. Essa última referência remete-nos mais facilmente à realidade representada pela narrativa”. O título do romance remete a uma frase que comumente estampa camisetas e outras “lembrancinhas” que turistas trazem para os que ficam no retorno das viagens. A denúncia da condição de exclusão que a personagem de Sérgio sofre tanto em Portugal quanto em Cataguases constrói, com a epígrafe escolhida, um sentido irônico para o título do romance.

O tema da migração foi explorado outras vezes na literatura. É possível lembrar, por exemplo, do conhecido poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias. No romance de Luiz Ruffato, porém, o tema aparece num viés que nega qualquer vestígio de uma possível inocência romântica que o texto de Gonçalves Dias expressa. Eis a transcrição do poema de Miguel Torga, que abre o romance de Ruffato como segunda epígrafe:

Brasil onde vivi, Brasil onde penei,  
Brasil dos meus assombros de menino:  
Há quanto tempo já te deixei,  
Cais do lado de lá do meu destino!

Que milhas de angústia no mar da saudade!  
Que salgado pranto no convés da ausência!  
Chegar. Perder-te mais. Outra orfandade,  
Agora sem o amparo da inocência.

Dois polos de atracção no pensamento!

Duas ânsias opostas nos sentidos!  
Um purgatório em que o sofrimento  
Nunca avista um dos céus apetecidos.

Ah, desterro do rosto em cada face,  
Tristeza dum regaço repartido!  
Antes o desespero naufragasse  
Entre o chão encontrado e o chão perdido.  
(RUFFATO, 2009, p. 10)

Como se sabe, Miguel Torga é um poeta português que passou parte de sua infância no Brasil. O poema de cunho biográfico revela a melancolia do eu lírico, ainda criança, diante da experiência do exílio. O eu lírico lembra-se do Brasil, terra do exílio, e o sentimento que emerge dessa lembrança é ambíguo – atravessado de saudade e tristeza: como lugar que remete à infância, amparada pela inocência e, ao mesmo tempo, sofrível, como podemos ler nos seguintes versos: “Brasil dos meus assombros de menino”. Desse modo, a imagem da terra do exílio interpõe uma ambivalência: se o Brasil é o lugar do sofrimento e do luto é também a terra da inocência, da magia da infância. A terra encontrada não aliviará as angústias do eu, porque tanto o Brasil quanto a inocência foram perdidas nesse trânsito entre as duas terras. Amadurecer, conhecer o desconhecido e perder a inocência causam dor e sofrimento àquele que precisa fazer essa transição, espécie de rito de passagem forçado.

Serginho, como é conhecido entre os mais próximos na narrativa, também precisa amadurecer por meio do encontro com a dureza da vida em Portugal. As utopias fomentadas em torno da nova terra são todas destituídas e o Brasil recebe essa conotação de perda, de angústia, agora sem o amparo da inocência. Por não conseguir se estabelecer no país para onde migrou, Serginho volta a fumar, redundando o ciclo tristeza-alegria-tristeza. Ainda na primeira parte do romance, a vida do protagonista, depois de um longo período de profunda tristeza e poucos e efêmeros momentos alegres, parece projetar uma guinada: parar de fumar, trocar a motocicleta, namorar a Noemi. Serginho afirma nas primeiras páginas do romance: “Mas foi parar de fumar, e as coisas degradingolaram na minha vida” (RUFFATO, 2009, p.

21). Depois dessa leve guinada, as coisas se descarrilam: vem o casamento forçado com Noemi, o nascimento do filho em condições precárias, a doença da esposa, a perda do emprego, o processo na justiça por maus-tratos, a perda do contato com o filho, a morte da mãe por desgosto. Nessa situação de desencanto, Lisboa aparece como a solução, o lugar que irá redimir Serginho de todas as agruras sofridas até então, não apenas no âmbito econômico, mas também pessoal. Ir para Portugal resgataria o sentido da vida do narrador em todas as esferas, visto que ele decide fazê-lo em um momento de profunda tristeza:

Assim um domingo de manhã, sapeando a conversa-fiada dos pingüços no Beira Bar, mencionei meio impensado, quando me perguntaram “O quê que você vai fazer da vida agora, ô Serginho”, que cismava ir embora, “Pro estrangeiro”, e, antes que debochassem, o seu Oliveira, pano-de-prato no ombro, destampou outra cerveja e apoiou o intento, “O caminho é Portugal”, e, diante da admirada plateia, decantou as maravilhas do país pra onde estava seguindo, e que, se mais novo, até ele voltava, “O momento é de reconstrução”, dinheiro não é problema, falta mão-de-obra, [...] “Lugar certo” pra quem não tem alergia a trabalho, e peguei matutando, caramba, passado dos trinta anos, e, refletindo bem, que de frutuoso entrevista pela frente?, “Eu vou é pra Portugal”, decidi, e, impressionados, os colegas me cercaram, parabenizando pela minha *coragem*, minha *audácia*, e já encomendando lembrancinhas pra quando eu viesse a passeio (RUFFATO, 2009, p. 25-26).

Aquele que está entre duas terras carrega consigo as memórias do lugar de onde veio e a expectativa pelo que virá. Essa condição de imigrante no romance estará pautada numa espécie de gangorra que remete ora à alegria, projetada na terra imaginada, sonhada (projeção amparada por certa inocência e utopia/alegria em forma de expectativa pela terra que busca); ora pela tristeza vivenciada na terra agora conhecida, sem o amparo da inocência e do desconhecido. É sob essa duplicidade que o romance vai se estruturar.

O primeiro capítulo, “Como parei de fumar”, projeta certa empolgação de conseguir realizar um projeto pessoal e ver o resultado do próprio esforço depois de uma série de eventos arrasadores. Na linguagem, essa projeção vai aparecer em forma resumida, em que a narrativa da vida de Sérgio até a tomada de decisão de ir para Lisboa é dita de forma rápida em torno das páginas 15 e 37, do total de 83 páginas, totalizando um pouco menos de 30% da extensão/duração da narrativa.

O segundo capítulo, por sua vez, “Como voltei a fumar”, revela a tristeza de Serginho, muito maior agora, carregada do desengano de não conseguir realizar os sonhos projetados e da inutilidade do esforço. Nesse caso, a narrativa expande-se, quase como o oposto do sumário. Poderíamos falar aqui de maneira mais demorada, em que o relato se demora mais nos detalhes, como se o narrador quisesse confirmar que cometeu um engano ao acreditar que a terra do exílio lhe daria guarida ou repouso. Tal gangorra pode ser observada na estrutura do romance, pois na vida de Serginho nada é constante, tudo se realiza como ciclos e quando o ciclo acaba parece que nada ficou construído no lugar. Não há um caminho de dificuldade, de ascense do herói e no final não há um prêmio ou vitória, não há luzes nem ascensão.

Nesse aspecto, segundo Appadurai, o contexto da globalização promoveu sentidos díspares para as migrações. Para os grupos privilegiados, as novas formas de deslocamentos, o livre comércio e o turismo, sobretudo, são vistos de maneira positiva. No entanto, quando grupos marginalizados migram, tais migrações são vistas como um grande problema para os países ricos, provocando o que o autor indiano chamou de incertezas sociais.

A globalização é fonte de debates em quase todos os lugares. É o nome de uma nova revolução industrial (movida por poderosas tecnologias de informação e comunicação) que apenas começou. Por causa de sua novidade, ela põe à prova nossos recursos linguísticos para entendê-la e nossos recursos políticos para gerenciá-la. Nos Estados Unidos e nos mais ou menos dez países ricos do mundo, globalização é decerto o jargão positivo para as elites corporativas e seus aliados políticos. Para migrantes, pessoas de cor e outros marginais (o chamado “sul dentro do norte”), porém, é uma fonte de preocupação quanto à inclusão, empregos e marginalização mais profunda (APPADURAI, 2009, p. 35).

O questionamento de Appadurai parte do paradoxo da globalização, a utopia de um mundo sem fronteiras, possibilitando ao sujeito de diferentes classes e etnias mobilidade espacial. No entanto, há ainda uma grande produção de limpeza étnica e de formas extremas

de violência. Parte da resposta de Appadurai consiste na discussão das incertezas sociais<sup>1</sup> geradas pela presença de imigrantes em determinadas localidades que ainda alimentam os velhos dogmas do *ethos* nacional. O *ethos* nacional, por outro lado, seria o conjunto de representações discursivas que identificam o sujeito como pertencente a determinada nacionalidade. No contexto da globalização, esse *ethos* ainda se verifica com muita força, mesmo nos países mais liberais. Nas palavras de Appadurai (2009, p. 14):

Nenhuma nação moderna, por mais benevolente que seja seu sistema político e por mais eloquente que sejam suas vozes públicas sobre as virtudes da tolerância, do multiculturalismo e da inclusão, está livre da ideia de que sua soberania nacional se baseia em alguma espécie de *genius* étnico.

No âmbito da narrativa, Sérgio vivencia essas experiências de não pertencimento, que também irão marcar a identidade do brasileiro como preguiçoso, trapaceiro e, no caso da identidade de gênero, os marcadores negativos são ainda mais estereotipados. Exemplo emblemático dessa segregação vivida pelo imigrante brasileiro em Portugal é o trecho em que Sérgio narra a situação de Sheila:

Mas detestava aquela situação, a verdade é esta, deitar com desconhecidos em troca de trinta, quarenta euros, ir mais de uma vez pra cama numa única noite e outras jornadas amargas sem freguesia, fantasiava um emprego *decente* numa daquelas lojas da Baixa-Chiado, rua Augusta, rua do Ouro, rua da Prata, rua do Carmo, rua Garret, ou da avenida da Liberdade, gastava tardes rondando as **montras**, cobiçando o trabalho das **empregadas de loja**, invejando as europeias esverdeadas de tão brancas, a japonesada, só-sorrisos, arrastando sacolas entupidas de trens caríssimos, mas nem arriscava, passaporte irregular, visto de turista, se pegam deportam ela, sem ai nem ui, botavam ela numa avião e, **adeusinho**, nunca mais, além do quê, parecia que estava escrito na testa Prostituta, onde

---

<sup>1</sup> Segundo Appadurai (2009, p. 15), a incerteza social seria a maneira de ver dos nativos como uma forma de ameaça à identidade nacional, pela presença de imigrantes em grande escala. Disso advém a violência, a xenofobia contra imigrantes pobres, de cor, de culturas diferentes, mesmo em contexto de globalização. “Essa espécie de incerteza está intimamente ligada à realidade de que os atuais grupos étnicos contam-se às centenas de milhares e de que seus movimentos, misturas, estilos culturais e representações na mídia criam profundas dúvidas sobre quem exatamente faz parte de ‘nós’ e quem está entre ‘eles’”.

entrava, tratavam ela mal, aos **chutos e pontapés**, como se portasse **sida**, ou lepra, e então, conformada, recolhia no seu canto (RUFFATO, 2009, p. 66-67).

A estilização da voz do narrador personagem é marcada pelo tom da oralidade, com a qual constrói seu depoimento. O uso das vírgulas, das expressões típicas do registro oral (o modo de falar do mineiro é marcado com *itálico* e a apropriação do vocabulário lisboeta é marcada em **negrito**) e não do escrito constrói uma sintaxe específica para o falar de Sérgio, que salta aos olhos sua condição estrangeira tanto em Lisboa quanto no espaço da literatura. Em uma de suas entrevistas, Ruffato afirma que o seu projeto literário está associado à experiência pessoal de filho de lavadeira e pipoqueiro e de morador de cidade interiorana de tradição industrial. Para ele, essa experiência o levou a perceber, desde cedo, a configuração das classes sociais no Brasil, um país com uma herança colonial de mando e de manutenção de privilégios de alguns grupos ainda muito forte e atuante.

Tive o privilégio de nascer numa pequena cidade do interior de Minas Gerais chamada Cataguases. Digo privilégio pelo fato de ter crescido num lugar de forte tradição industrial – onde os interesses de classe são bem demarcados, conformando-nos uma visão de mundo menos ingênua, mais pragmática. Num país onde até hoje as relações ocorrem no plano do clientelismo, fruto do nosso atavismo rural, creio que bem cedo percebi o que havia para além das diferenças semânticas entre uma mansão e uma mansarda (RUFFATO, 2011, p. 01).

Esse lugar de fala reivindicado para si como aquele que dá voz aos subalternos, que privilegia o universo do “trabalhador urbano, os sonhos e os pesadelos da classe média baixa, esse recorte social indefinido, com todos os seus preconceitos e toda sua tragédia” (RUFFATO, 2011, p. 02) encontra eco nas suas obras, sendo possível perceber que a representação de classes sociais menos favorecidas tem sido realizada significativamente.

A Lisboa projetada antes da partida é utópica, em muito ela se distancia desta vivenciada por Sérgio. Um episódio lembrado por ele, transcrito na sequência, exemplifica a situação dos imigrantes nos bairros afastados do centro por toda a Europa, não só os brasileiros, mas muitos outros de diferentes nacionalidades, principalmente, das regiões mais pobres e excludentes:

[...] perto do Natal, uma senhora negra, baixa e gorda, enfiada numa roupa estampada, cabelos começando a alvejar, desmaiou no decorrer de uma ligação, socorremos ela, apareceu uma cadeira, um copo d'água, um abano, quando voltou a si, socando os pés no chão, a jabuticaba dos olhos clamou seu desespero num português estropiado que ninguém entendia mas que todos adivinhamos, o desalento imigrante de quem não sabe que de nada serve essa vida se a gente não pode nem mesmo aspirar ser enterrado no próprio lugar onde nasceu (RUFFATO, 2009, p. 73).

Dessa forma, então, o que se percebe é que a narrativa de Ruffato incorpora o problema da imigração para além das questões temáticas: a voz das classes populares representadas no romance se transforma em estilização por meio do narrador em primeira pessoa, da valorização da semântica e da sintaxe desses sujeitos; por meio da intertextualidade para dar visibilidade dentro do espaço da literatura às figuras tematizadas; por meio da mistura das vozes, com a carência na demarcação do discurso direto e indireto; por meio da ausência de pontuação conforme as normas do registro escrito, configurando a voz narrativa ao ritmo da oralidade e do tom próprio do depoimento em que a história jorra à medida que o narrador se lembra da experiência vivida. Esses recursos oferecem autenticidade à representação das classes populares, ultrapassando o nível do conteúdo para se transformar em fatura estética.

É quando Sérgio sai do Brasil e vai para Portugal que sua identidade é questionada. O excerto que segue, retirado dos momentos finais do romance, sintetiza essa condição de não pertencimento. No excerto, Sérgio desabafa, ao lembrar uma conversa com Rodolfo, um paraibano de quem fica amigo em Portugal, e expõe o não-lugar das classes trabalhadoras no Brasil, bem como do imigrante pobre em Lisboa:

O Rodolfo avivou a conversa, “Nós estamos lascados, Serginho”, aqui em Portugal não somos nada, “Nem nome temos”, somos *os brasileiros*, “E o que a gente é no Brasil?”, nada também, somos os outros, “Eta paisinho de merda!, terra da ladroagem e safadeza!”, ele, meio alto, quase-discursava, “Pra se dar bem, o cabra tem que ser político ou bandido, que é quase a mesma coisa, aliás”, porque o trabalhador, aquele que bate-cartão ou capina sol a sol, este morre à-míngua, “Tu conhece alguém, lá na tua cidade”, que, nascido pobre e honesto, esteja bem de vida, “Bem mesmo”, sem ter que preocupar em como pagar as contas no final do mês?, “Não,

claro que não”, porque, nessa situação, só quem tem *berço*, famílias que exploram o Brasil desde sempre, e que pra isso fazem política, “Pra manter a pabulagem”, discorria, revoltado, “Na Paraíba, por exemplo, meia dúzia de sobrenomes mandam em-desde que o mundo é mundo, “Se ficasse lá, Serginho, virava marginal”, comprava uma carabina e saía caçando os ricos todos, “Ia morrer, eu sei, mas antes cometia uma insensatez” [...] “É ilusão, Serginho,” pura ilusão imaginar que uma-hora a gente volta pra nossa terra, “Volta nada”, a precisão drena os recursos (RUFFATO, 2006, p. 78).

O trecho deixa claro o quão difícil é o universo das classes populares no Brasil. É a partir dessa concepção de desenraizamento que as personagens de Ruffato se constituem. *Estive em Lisboa e lembrei de você* procura representar uma grande parcela de brasileiros que, sem recursos econômicos ou acesso à educação capaz de oferecer novas possibilidades de trabalho, são massacrados pelas condições miseráveis de sobrevivência no interior do país, fomentando a migração e a imigração para outros países. “Nós estamos lascados, Serginho”, fala que sintetiza também uma “desposseção identitária” (RODRIGUES, 2012, p. 185), tanto no sentido individual quanto no sentido coletivo, de classe e de povo. As personagens do romance de Luiz Ruffato se dão conta de que não têm identidade em Portugal, pois são colocados numa massa de trabalhadores pobres – “os brasileiros” – e tal massa tem sua identidade marcada por estereótipos tais como desonestidade e preguiça.

Segundo Edward Said (2003, p. 49), o exílio carrega uma condição de banimento, empreendido por forças institucionais para punir os dissidentes. Para o teórico, o exílio se constitui em um corte, uma cisão dolorosa entre o eu e o lugar de origem, uma fratura incurável, uma forma de solidão vivida fora do grupo: o “exílio, ao contrário do nacionalismo, é fundamentalmente um estado de ser descontínuo” (SAID, 2003, p. 50). O exílio é o oposto do nacionalismo, sentimento de pertencer a um determinado território e grupo, cujas regras de sociabilidade obedecem a um *ethos* coletivo. Afastado dos referenciais comunitários, o exilado habita um mundo de estranhos, vivendo angustiado e sozinho numa sociedade que não o compreende. Mas por estar afastado dela, o exilado não se constitui em um alienado e sua angústia deriva da compreensão de fora que consegue fazer de sua situação.

A forma de banimento que atravessa o exilado – nesse caso em que o desenraizamento se dá para além das fronteiras da terra natal – se manifesta na exclusão de

certos grupos sociais e étnicos de determinada localidade. O século XX produziu exilados em grandes escalas. Aos pobres, o deslocamento – ou banimento por forças institucionais segregadoras – se realiza de modo distinto daquele discutido por Said. Por essa razão, o termo exílio não consegue recobrir as particularidades retóricas que a situação de Sérgio faz reverberar. Ela se desdobra numa espécie de desenraizamento tanto dentro como fora de seu país de origem, ressaltado pelo abandono do Estado: pela solidão da cidadania; pelo esgarçamento dos vínculos do grupo familiar e pela insuficiência de outras instâncias da sociedade, cuja estrutura estratificada em classe e com históricos problemas de desigualdades na distribuição de renda expulsa para as margens a camada econômica e socialmente mais vulnerável.

A dissidência, se caso ela existe no romance, estaria relacionada não ao questionamento de uma determinada força política, mas à marginalidade. A dissidência se constitui como rejeito, dejetos social que parte das elites e da classe média querem ver longe de seu alcance, e que, pela sua resistência, insistem em ocupar espaços que são *naturalizadamente* alheios – inclusive no espaço da literatura. Sérgio se sente estrangeiro no espaço físico e social por onde transita, mas é possível perceber também uma outra forma de estrangeiridade também no que diz respeito à sua presença e à sua narrativa no espaço cultural da tradição literária brasileira e não só. O deslocamento desta massa de trabalhadores semianalfabetos para os grandes centros urbanos na contemporaneidade produz, nas sociedades que recebem tal massa, aquilo que Appadurai (2009) chamou de “incertezas sociais”.

De acordo com a leitura de Vieira (2016), a configuração do exilado em Said é apreendida a partir de diversos sentidos – diásporas, desterro, refúgio, expatriação, emigração –, mas, para ele, o exílio sempre está relacionado à realidade do desenraizamento e da necessidade de sobreviver em outra cultura. Para adaptar-se à cultura do novo lugar, o desenraizado tem na base de suas experiências duas condições inerentes: a criatividade e a tristeza. Afirma Edward Said em seu texto:

Por mais que tenham êxito, os exilados são sempre excêntricos que *sentem* sua diferença (ao mesmo tempo que, com frequência, a exploram) como

um tipo de orfandade. Aqueles que realmente não têm lar consideram uma afetação, uma exibição de modismo o hábito de ver a alienação em tudo o que é moderno. Agarrando-se à diferença como uma arma a ser usada com vontade empedernida, o exilado insiste ciosamente em seu direito de se recusar a pertencer a outro lugar (SAID, 2003, p. 54).

Exatamente por se manter afastado, num lugar excêntrico do qual é possível perceber os fatos com mais distanciamento, o exilado pode ler a cultura do outro e a situação em que se encontra de forma não alienada: “não falo do exílio como um privilégio, mas como uma *alternativa* às instituições de massa que dominam a vida moderna. No fim das contas: o exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele, ou ele nos acontece” (SAID, 2003, p. 57). Diante disso, pode-se compreender a condição de Serginho como uma espécie de desenraizamento em sua própria terra. Portanto, ele, como muitos outros, é um migrante impulsionado a sair de seu local de origem pelas precárias condições de vida que a comunidade de Cataguases oferece àqueles sujeitos pertencentes às camadas mais pobres da sociedade. Sérgio não se constitui como um exilado no sentido que discute Said – considerado uma categoria nobre, haja vista sua capacidade de discernimento de si e do outro. Mesmo desenraizado, Sérgio continua alheio a sua condição de excluído, marginalizado, tanto no Brasil quanto na Europa.

Como compreender esse sujeito, então, que está fora de sua terra natal por vontade própria, um desenraizado, que ao mesmo tempo não consegue pertencer ao espaço de destino e tampouco compreender sua situação, tornando-se um desterritorializado? Como se pode observar, tem-se no personagem de Sérgio, situações semelhantes ao migrante: carência de um vocábulo que consiga recobrir os sentidos dessa viagem no contexto do final do século XX e a ausência de mobilidade política do grupo em questão. A diferença está exatamente numa questão de escala: Sergio é um [i]migrante, está fora de sua terra num país estrangeiro, e está nessa terra de forma ilegal, espaço da clandestinidade, agravando ainda mais sua estrangeiridade. Ele não corresponde nem a um turista nem às vítimas das novas configurações dos estados-nações, como os exilados e os refugiados atuais.

A situação de migração está associada também à relação que o brasileiro estabelece com os espaços e como a estrutura social segrega as classes populares, tolhendo a maioria dos

indivíduos de uma vida plena e digna. Representar esses sujeitos sem um lugar para pertencer parece ser a preocupação constante da narrativa de Ruffato. Além da sua falta de compreensão da própria realidade, o que mais faz Serginho sair do Brasil em busca de uma vida melhor em outro país? Numa situação correlata à realidade brasileira dos últimos anos, por que brasileiros de todas as regiões do país saem de suas cidades natais, quase sempre de forma clandestina, rumo a outros países, perseguindo o sonho moderno de “vencer na vida”?

Se é o desejo de uma vida melhor que faz Sérgio abandonar o pouco que lhe resta no Brasil, em Lisboa as coisas também não se encaminham bem, minando qualquer possibilidade de realizar o sonho de conquistar alguns recursos econômicos e retornar ao Brasil. Quando consegue o emprego de garçom em um restaurante e começa a juntar algum dinheiro, Sérgio perambula por zonas de prostituição da cidade à procura de sexo fácil ou de um afago para sua terrível solidão. É nesse momento que encontra Sheila, uma brasileira que vive sob os domínios da máfia da prostituição. Isso selará de vez o fracasso de Sérgio. Por vontade ou não, isso não importa, é a paixão por Sheila que faz com que o personagem perca o foco do retorno ao Brasil e se veja num triste engodo ao ter de entregar o passaporte para um agiota como garantia de empréstimo de uma quantia significativa de dinheiro que Sheila supostamente devia à máfia. Depois disso, ele perde o emprego, muda-se para um lugar mais afastado, nunca mais encontra Sheila e, sem documento, vive fugindo da polícia em empregos inferiores. É nessa condição de profunda tristeza, quando Sérgio volta a fumar, que Luiz Ruffato (L. R.) o encontra na escada da Calçada do Duque, zona histórica de Lisboa, e recolhe dele seu depoimento. Esse breve resumo do desfecho da narrativa serve para demonstrar a gangorra tristeza-alegria-tristeza, com o predomínio da tristeza, mencionada anteriormente.

De imigrante, Sérgio se transforma em clandestino. Nessa condição, ele se torna muito mais invisível e segregado. Leonardo Tonus (2015, p.141) faz uma análise da condição de clandestinidade de Sérgio e define as características que determinam essa situação:

No universo da clandestinidade a experiência da alteridade é nula, uma vez que o não reconhecimento legal do sujeito nega-lhe a possibilidade de se tornar “outro”. Ao apagar os rastros deixados pelos espaços que transita, o clandestino prenuncia a figura do estrangeiro e se apresenta, assim, como uma não-figura cuja ausência legal certifica sua permanência temporária ou efêmera no espaço, desarticulando a tradicional oposição entre

“lugares” e “não-lugares”. “Não-figura” do “sem-lugar”, ele habita os interstícios dos espaços antropológicos fomentadores de identidades (opponentes políticos, terroristas e anarquistas), bem como os “não-lugares” marcados pelas perdas dos marcos identitários (imigrantes clandestinos, refugiados ilegais e desertores) (TONUS, 2015, p. 141).

Desse modo, é possível observar as seguintes características na estrutura social brasileira: a segregação espacial, a terra cativa e a miserabilização da maioria dos brasileiros nos centros urbanos, com uma insignificante renda mensal de salário mínimo. Porque o Brasil apresenta altos índices de concentração de renda e uma educação incapaz de formar mão-de-obra qualificada que possa inserir esses milhares de brasileiros no mercado de trabalho, aumentando ou persistindo o índice de pobreza, com um processo de industrialização e urbanização conservador. Se, por um lado, a urbanização e a recente globalização fomentam um imaginário coletivo que vê a cidade com a inocência da utopia, aos mais pobres a situação de estrangeiro permanece como condição constante, independentemente dos espaços que os sujeitos ocupam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, muitos são aqueles que, como Serginho, não voltam à terra natal. Não retornam pelo fato de que sentem uma profunda tristeza em relação ao seu país de origem. No final da narrativa, Serginho parece não querer voltar ao Brasil, embora sinta saudade. Ele não retorna porque não consegue mais pertencer a esse espaço e, além disso, voltar significaria assumir o fracasso da partida anteriormente aplaudida.

Apesar de Ruffato construir o romance nessa espécie de gangorra alegria e tristeza, a ênfase está na tristeza e não na superação dela. Uma espécie de tristeza permanece nos dias atuais e, mesmo com a aceleração do processo de urbanização e modernização, as questões problemáticas que a personagem do romance suscita ainda não foram resolvidas. Os problemas parecem ser reeditados devido a esse ranço conservador e escravocrata persistente, já que há uma naturalização da exploração do outro. O mundo narrativo de Luiz Ruffato é um mundo sem saída, em que o ato de voltar a fumar revela a circularidade do movimento

tristeza-euforia-tristeza – sendo a tristeza uma constante e a alegria efêmeros momentos. Não há respostas positivas na cidade ruffatiana. As perguntas se apresentam sem resolução. Caso diverso dos modernistas brasileiros que viam na força do indivíduo e na modernização as respostas para o problema agrário do Brasil. Ruffato mostra que, mesmo numa sociedade modernizada e urbanizada, o ranço dessa sociedade estratificada em classes ainda se mantém.

## REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. **O medo ao menor número: ensaios sobre a geografia da raiva**. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- RAMOS, T. O.; CADORE, A. Desamores expressos: *Estive em Lisboa e lembrei de você. Navegações*. v. 3, n. 2, p. 148-153, Porto Alegre, jul./dez. 2010.
- ROGRIGUES, M. A. Mobilidades precárias em *Terra estrangeira e Estive em Lisboa e lembrei de você*. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 39, p. 181-192, Brasília, jul-dez., 2012.
- RUFFATO, L. **Estive em Lisboa e lembrei de você**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- RUFFATO, L. Da impossibilidade de narrar. In: BITTAR, E. C. B.; MELO, T. (Orgs.). **Cidades impossíveis**. São Paulo: Portal, 2011, p. 97-108.
- SAID, E. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TONUS, L. Espaços *na* e *da* clandestinidade. In: DALCASTAGNÈ, R.; AZEVEDO, L. (Org.). **Espaços Possíveis na Literatura Brasileira Contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015, p. 139-156.
- VIEIRA, N. Fora do Brasil – globalização e deslocamento na literatura brasileira contemporânea: migração transnacional e luto cultural. In: CHIARELLI, S.; NETO, G. O. (Orgs.). **Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016, p. 48-62.